

Para refletir sobre a Educação Física Escolar, hoje

Marta ARAGÃO¹

A Educação Física (EF) é área do conhecimento que tem no movimento humano seu eixo de ação. Assim como os números estão para a Matemática, os movimentos humanos estão para a EF. Este fato parece ser consenso entre os profissionais da área e pesquisadores que “mergulham” no assunto em busca de uma identidade que possa direcionar tanto a prática docente como a investigação científica que subsidia essa prática.

O conteúdo da EF pode se dar de forma sistematizada ou não, no âmbito da escola ou no cotidiano informal de crianças, jovens e adultos. Aqui trataremos da Educação Física Escolar (EFE) com seus desdobramentos em práticas corporais diversas, entre elas o esporte, fenômeno social de amplo lastro nas sociedades modernas e trabalhado exacerbadamente na escola como reflexo de uma cultura de consumo, e tema desse texto.

A dimensão pedagógica da EF assume contornos diversos de acordo com as concepções e objetivos de quem planeja, organiza e operacionaliza, e do espaço em que se desenvolve: escola, clube, academia, etc...

Na escola, a disciplina deve ser construída pela comunidade escolar, sendo que o corpo técnico-docente sistematiza os conteúdos, metodologias e avaliação a partir de uma ação diagnóstica junto aos alunos. A sistematização toma forma de acordo com as concepções do grupo. É na organização do trabalho escolar que é revelado pelo conjunto das pessoas: que homem se quer, que sociedade se quer, quais valores são adotados na práxis profissional.

A proposta de intervenção pedagógica ou projeto político-pedagógico, comprometido com uma sociedade equal, é projetada com a relevância social e contemporaneidade quando são selecionados os conteúdos, a metodologia, enfim o trabalho pedagógico.

Os estudos hoje apontam para a corporeidade como concepção pedagógica a ser imediatamente analisada, discutida, adotada pela educação, quando o que se quer é o homem em sua plenitude humana. Assmann (1995: 77) diz que “sem uma filosofia do corpo, que pervada tudo na

educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa”. Mas, o autor esclarece que o trabalho com a corporeidade objetiva corpos felizes, solidários, e o não acomodar-se com consumismos e modismos, como o esporte-espetáculo inacessível a maioria da população, ou que encerram em si mesmos uma prática alienante.

É fato hoje, o homem em todas as suas possibilidades e limites, e não mais o homem corpo-alma ou corpo-mente. Gardner (1995: 15) fala de múltiplas inteligências, entre elas a corporal-cinestésica, a musical, a visual, etc.... Goleman (1995: passim) fez um construto da inteligência emocional. Nesse sentido não dá mais para se trabalhar corpos sem cabeça, ou movimento sem cognição. Todo corpo em movimento expressa uma cognição do próprio corpo.

Sobre a questão do corpo, Moreira (1992: 175) preocupa-se com uma EFE que manipula o corpo do aluno como um objeto em busca do rendimento, ridiculariza o corpo não-atlético e explora corpos menos aptos.

O que se tem visto na escola é exatamente o que o autor aponta, a ênfase no esporte institucional, até em função de uma formação acadêmica limitada e voltada para o tecnicismo esportivo, em detrimento da formação humana e da manifestação corporal dos alunos, advinda da experiência acumulada em casa, no rio, na praça. A EFE tem sido subsumida pelo esporte de rendimento e a seus princípios, privilegiando os mais hábeis, mais fortes, mais aptos, ou tem sido atrelada a psicomotricidade tornando-a terapia corporal na escola.

Outro ponto a ser refletido e já tem sido amplamente denunciado é a falsa promessa de ascensão social via esporte, quando sabe-se que entre milhares de atletas poucos se destacam, são bem remunerados e estão felizes com o que fazem. O propósito da EFE não se concretiza quando, ao ofertar a atividade esportiva em demasia, é trabalhada a especificidade do movimento em detrimento da

¹ Professora de Educação Física do CCSE/UEPA. Mestra em Educação.

multiplicidade de experiências corporais que contribuiriam de maneira mais propícia na idade escolar para a formação do homem.

O esporte é uma atividade realizada através de habilidades específicas, o que pressupõe um trabalho corporal apropriado. Mas, é possível trabalhar o esporte de forma prazerosa, não “stressante”. Sabemos de trabalhos desenvolvidos no ensino fundamental, que priorizam o esporte lúdico, e não o condicionamento, o adestramento.

O que se constata é que a iniciação esportiva e a prática desportiva caracterizam-se como conteúdos da EF e no entanto têm tido lugar primeiro nas aulas desde a 2ª Guerra Mundial, ainda com o objetivo militar do aperfeiçoamento e da aptidão física.

Em meio a toda essa discussão, a EFE parece perder-se em seus objetivos educacionais. Sua importância e função também são colocadas em questão, uma vez que ela, ou se propõe a ocupar o tempo livre das crianças na grade curricular ou ocupa-se de falsas promessas atléticas, ou ainda, é vista como terapia escolar.

A nova Lei de nº 9394/96 (LDB) determina que a EFE seja componente obrigatório do projeto político-pedagógico da escola. Essa obrigatoriedade é ratificada pelo Parecer 376/97 de 11/06/97 do Conselho Nacional de Educação (CNE) que reafirma o artigo 26 da LDB, e pelo Parecer 5/97 de 07/05/97 da Câmara de Ed. Básica do CNE que garante a EFE na base comum nacional.

Os “padrões de referência” antes normatizados pelo Decreto-lei 69450/61 que foi revogado com a nova LDB, devem ser orientados pelo CNE e pelos Conselhos Estaduais de Educação.

O que deixa dúvida não é a inclusão ou não da EFE na proposta pedagógica das escolas, mas do que vai tratar a EFE integrada a essa proposta: preparar o homem para o mercado de trabalho? Ser instrumento de aprendizagem para as demais disciplinas? Ter como suporte filosófico a psicologização, a esportivização? Ou ter práticas corporais lúdicas, recriando e criando novas práticas através da produção de conhecimento e cultura?

Para Souza e Vago (1997: 124) “o desafio que se apresenta agora é o de ocupar os espaços contraditórios da lei e criar alternativas de atuação político-pedagógica”.

Encerro aqui, por enquanto, essa reflexão com uma mensagem de Artur da Távola² de otimismo e perseverança:

“No futebol do futuro o adversário não servirá para ser superado ou superar e, sim, para ajudar a conferir em

que aspectos cada time superou-se (a si próprio e não ao adversário). O adversário nem assim se chamará. Será o solidário. As notícias dirão:

“A seleção brasileira solidarizou-se ontem com a da Alemanha na verificação dos pontos em que ambas progrediram. A do Brasil venceu a si mesma por três pontos e a da Alemanha empatou com o desempenho anterior. Ao final todos juntos comemorarão a alegria de compartilhar o esporte e de ajudar um ao outro na tarefa de auto-superação”. Será o texto acima o de uma utopia ou o homem do futuro, liberto do mito de herói e da necessidade de poder, o engendrará? ”.

Referências Bibliográficas

- ASSMANN, Hugo. *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. 3ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1995.
- BARBIERI, César Augustus et al. (org.). *Esporte Educacional: uma proposta renovada*. Recife, PE: UPE/ESEF. MEE/INDESP, 1996.
- SOUSA, Eustáquia & VAGO, Tarcísio. *O ensino da Educação Física em face da nova LDB*. In Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org.). *Educação Física Escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. RS: Ijuí, 1997. Discorpo: Revista do Departamento de Ed. Física e Esportes da PUC-SP-nº 2. SP: O Departamento, 1993.
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: A teoria na prática*. RS: Artes Médicas, 1993.
- MOREIRA, Wagner Wey. *Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica*. 2ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1992. *Revista da Ed. Física/UEM*. Vol 1. Maringá, PR: Univ. Estadual de Maringá: Departamento de Ed. Física, 1990.

² Távola, Artur da. Isso de Ganhar. In Esporte Educacional: uma proposta renovada. Org. Barbieri, César Augustus et al. Recife, PE: UPE/ESEF. MEE/INDESP, 1996.